

Ingedore G. Villaça Koch
ingedorekoch@yahoo.com.br

Rotulação: uma estratégia textual de construção do sentido

Labeling: a textual strategy of meaning construction

RESUMO – O artigo trata da estratégia textual de construção do sentido denominada rotulação, em que formas e expressões nominais são empregadas como recurso para construção e reconstrução de objetos-de-discurso. Após a definição de rotulação, os rótulos são classificados em dois grandes grupos, os que nomeiam/categorizam o ‘conteúdo’ de proposições anteriores ou subseqüentes, e os que atuam de forma metadiscursiva com relação ao que foi ou será dito. Os rótulos metadiscursivos são ainda discriminados conforme a qualificação ao ato de comunicação realizada pelos personagens a que se refere o texto encapsulado. São apresentadas igualmente as funções textual-discursivas desempenhadas pelos rótulos: função cognitiva, de organização textual e de orientação argumentativa.

Palavras-chave: rotulação, objetos-de-discurso, rótulos de conteúdo, rótulos metadiscursivos, rótulos multifuncionais.

ABSTRACT – This article concerns the textual strategy of meaning construction named labeling, in which forms and nominal expressions are used as resources of construction and re-construction of speech objects. After defining labeling, the labels are classified into two main groups, the ones that nominate/categorize the content of former or subsequent clauses, and the ones that act on a meta-discursive basis in relation to what has been or will be said. The meta-discursive labels are also discriminated according to the qualification to the communicative act carried out by the characters to which the encapsulated text refers. The textual-discursive functions performed by the labels are also presented: cognitive, textual organization and argumentative orientation functions.

Key words: labeling, speech objects, content labels, meta-discursive labels, multifunctional labels.

Introdução

À luz de uma concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, o texto é visto como o próprio *lugar* da interação verbal e os interlocutores, como sujeitos ativos empenhados dialogicamente na produção de sentidos. Entende-se, pois, a produção de linguagem como uma *atividade interativa* altamente complexa em que a construção de sentidos se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos selecionados pelos enunciadores e na sua forma de organização, mas que requer, por parte destes, não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes de ordem sociocognitiva, cultural, histórica, de todo o contexto, enfim, como também - e sobretudo - a sua reconstrução no momento da interação.

Desta forma, os co-enunciadores são, além de “caçadores de sentidos” (Dascal, 1992), “estrategistas da comunicação”, visto que precisam ser capazes de mobilizar, de forma estratégica, o contexto sociocognitivo apropriado para possibilitar-lhes, no momento da interação verbal, a construção de um sentido para o texto.

O que é rotulação?

Sabemos que as formas ou expressões nominais são recurso dos mais eficientes para a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. Fato bastante comum, em se tratando de remissão textual, é o uso de uma forma nominal para categorizar ou recategorizar segmentos precedentes ou subseqüentes do co-texto, resumizando-os e encapsulando-os (Conte, 1996), e atribuindo-lhes um rótulo (Francis, 1994). Trata-se, nesses casos, segundo Schwarz (2000), de anáforas (ou catáforas) “complexas”, representadas, em grande número de casos, por meio de nomes genéricos e inespecíficos (*estado, fato, fenômeno, circunstância, condição, evento, cena, atividade, hipótese* etc). Estes nomes-núcleo vão ter sua realização lexical no co-texto, exigindo, pois, do leitor/ouvinte a capacidade de interpretação não só da expressão em si, com também da informação co-textual precedente ou subseqüente. Assim, essas expressões nominais, que são, em grande parte, introduzidas por um demonstrativo (cf. Apothélos e Chanê, 1997; Zamponi, 2003; Cavalcante, 2001), desempenham funções textuais de grande relevância: não só

rotulam uma parte do co-texto que as precede ou segue (*x* é um acontecimento, um fato, uma hipótese, uma cena etc), mas, ao fazê-lo, criam um novo referente textual que, por sua vez, passará a constituir o tema dos enunciados subseqüentes. Como formas de remissão a algo apresentado no texto ou sugerido pelo contexto, elas possibilitam a sua ativação na memória do interlocutor, ou seja, a *alocação* de um novo objeto-de-discurso na memória operacional deste; por outro lado, na medida em que operam uma refocalização da informação cotextual, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Isto é, ao criarem um novo objeto-de-discurso, todos esses rótulos não só propiciam a progressão textual, como, em parte, a efetuam. Trata-se, pois, de formas híbridas, simultaneamente referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada ou inferível, como de informação nova. A essa dupla função, Schwarz (2000) denomina de *tematização remática*.

Classificação dos rótulos

Inicialmente, poder-se-ia, de forma bastante provisória, dividir os rótulos em dois grandes grupos: os que nomeiam/categorizam o ‘conteúdo’ de proposições anteriores ou subseqüentes, e os que atuam de forma metadiscursiva com relação ao que foi ou será dito. Teríamos, pois, rótulos que recaem sobre o **dito** e rótulos que recaem sobre o **modus** de enunciados ou segmentos textuais de extensão variada.

Ou seja, os rótulos relativos ao **conteúdo** encapsulam, de forma aparentemente ‘neutra’, conteúdos expressos em porções de texto precedentes ou subseqüentes, como se pode verificar em (1) e (2):

(1) ... e eu fui à: à Europa e a Paris numa época de muito frio eu fui... proximamente nesta época eu eu embarquei em novembro e voltei nas vésperas de Natal... então eu andava muito a pé... **circunstância** que talvez não ocorresse se eu tivesse ido no verão... (NURC/SP DID 137:168-172)

(2) “O tratamento do diabetes passa por uma grande transformação. Da alçada da endocrinologia, a doença será de agora em diante considerada também uma especialidade da cardiologia. **Essa ampliação** é decorrente da estreita relação entre o diabetes e os distúrbios cardiovasculares” (*Veja*, 16/06/04).

Os rótulos metadiscursivos, ou metaenunciativos, por sua vez, recaem sobre o modo do dito, atribuem uma qualificação ao ato de enunciação realizado pelos personagens a que se refere o texto encapsulado:

- categorizando-o como um ato ilocucionário (‘nomes ilocutórios’, cf. Francis, 1994: promessa, ordem, advertência, asserção, conselho etc.):

(3) “A pior coisa que aconteceu aos judeus foi a colônia judia dos Estados Unidos ter descoberto o holocausto.” **A afirmação** é de um judeu norte-americano, Norman Finkelstein – autor do livro *A Indústria do Holocausto* (...) cujos pais estiveram em campos de concentração nazistas e que, ao contrário do resto da família, conseguiram sobreviver (Sader, 2000, p. 21).

(4) “O Ministério da Saúde informa: o cigarro causa impotência”. **A advertência** vem acrescentar mais um dano aos que vinham sendo anteriormente anunciados.

(5) O presidente afirmou em recente entrevista que não é um neoliberal, mas que defende um Estado Moderado (...). **A explicação** não convenceu os presentes.

- categorizando-o como resultado de determinado tipo de operação cognitivo-discursiva: reflexão, ponderação, esclarecimento, argumentação, constatação, relato, comentário etc.:

(6) Pinochet feriu os direitos do homem e, portanto, deve uma explicação ao conjunto da humanidade. Isso seria verdade mesmo se a maioria da população chilena o apoiasse (Hitler foi eleito em 1933, por uma grande maioria de votantes alemães. O contrário seria dizer, por exemplo, que os governos da Turquia, da Síria e do Iraque têm o direito de reprimir e assassinar os curdos, apenas porque representam, supostamente, os interesses majoritários de seus povos contra um grupo minoritário. **Essa argumentação** é tão ridícula quanto insustentável...) (Arbex Jr., 2000, p.18).

- aplicando-lhe uma denominação metalingüística (frase, sentença, termo, palavra, discurso etc.), como em (7) e (8):

(7) Ônibus parado, as câmaras mostram. O seqüestrador desvairado, revólver na mão, mulheres sob tortura, gritos na janela, letras de batom transmitindo ameaças.

O seqüestrador, capeta incansável, no corredor do ônibus. “Vi-si-vel-mente drogado”, afirma um repórter de televisão. “Vi-si-vel-mente drogado”, afirma outro repórter de televisão. E no rádio se repete **a frase** inteira (Vespucci, 2000, p.21).

(8) (...) “O programa mata a fome, mas não ajuda a diminuir a pobreza nem estimula a economia das regiões mais carentes”, diz Terra, a propósito do corte das cestas básicas para as famílias mais pobres.

Tem-se, nessa única **sentença**, os dois lados essenciais do governo FHC.

Primeiro, o academicismo. Segundo, o economicismo (Rossi, 2000).

• revelando uma atitude metaenunciativa do produtor com relação a uma denominação anterior presente no texto, como, por exemplo, distanciamento, postura crítica, ironia etc.. Poder-se-ia dizer que se trata de rótulos parafrásticos ou ‘de segunda mão’ (cf. Carvalho, 2005). São exemplos do que Authier (1981) denomina *conotação autonímica*, em que o discurso dobra-se sobre si mesmo para revelar as não-coincidências do dizer. Anáforas desse tipo constituem, na grande maioria dos casos, fatos de polifonia, em que o segmento objeto de menção é atribuído à voz de outro(s) enunciador(es), da qual o locutor geralmente discorda ou, pelo menos, em relação à qual deseja mostrar distanciamento. Daí, a predominância, nesses casos, do uso das aspas. Vejam-se os exemplos abaixo:

(9) Brasília – Uma das melhores frases da crise Waldomiro partiu do líder do PFL no Senado, José Agripino Maia (RN): “Com ou sem CPI, a oposição está bem alimentada para uma longa travessia”.

Não fica claro se ele inclui **nessa “travessia”** algo essencial: as eleições municipais de outubro, aquelas em que o PT sonha, ou sonhava, multiplicar prefeitos do próprio partido ou de aliados pelo país afora (Cantanhêde, 2004).

(10) Jô Soares, depois de longa e acrítica entrevista com José Dirceu, puxou os parabéns para Lula e cantou com o ministro, o sexteto e todo o auditório, na madrugada.

E a terça-feira que se seguiu parecia indicar realmente a entrega de muitos **“presentes”** de aniversário, **para usar a expressão do comentarista Alexandre Garcia.(...)**

(11) Acrescente-se, como cereja sobre o bolo, uma pesquisa da Universidade de Miami, realizada com 537 integrantes do que foi descrito como **“elite latina”** e divulgada por todos os meios.

Nela, Lula surgiu como líder pan-americano com a melhor avaliação entre os **“latinos”** ricos (...) (Sá, 2003).

Funcionamento textual-discursivo dos rótulos

Os rótulos, como facilmente se pode verificar, são multifuncionais, em virtude de atuarem no texto como instruções de relevância para a construção de sentidos. Entre as várias funções por eles desempenhadas, podemos mencionar as seguintes:

1. função cognitiva: sumarização/encapsulamento e posterior categorização de um segmento textual, o que permite ao leitor/ouvinte a alocação, na memória, de um novo referente textual, que fica disponível para servir de base a novas predicacões;

2. função de organização textual: ao encadear segmentos textuais, os rótulos exercem papel de relevância na organização micro- e macroestrutural do texto. Além

de constituírem importantes recursos anafóricos ou catafóricos, responsáveis pela coesão textual, são frequentemente responsáveis pelo encadeamento tópico, bem como determinantes, muitas vezes, da própria paragrafação (cognitiva e/ou gráfica) do texto, visto que podem assinalar quer desvios e retomadas de tópico, quer o início de novas etapas na argumentação, como se pode observar no exemplo (12);

(12) “(...) A gravidade na superfície do astro em contração vai mais e mais aumentando e, a partir de um certo ponto, até mesmo a luz não consegue mais escapar-lhe. Forma-se, então, um buraco negro.

“**Esse nome** tem sua origem na interpretação oriunda da Teoria da Relatividade sobre a interação gravitacional. Dentro **dessa teoria**, a gravidade nada mais é que o resultado da curvatura do espaço ao redor de um corpo com massa.

“**Nesse fenômeno**, o espaço curva-se tanto que acabou fechando-se sobre si mesmo. (...) (Romildo Póvoa Faria, “Buracos Negros”, *A Tribuna de Campinas*, 17/5/1998, adaptado).

3. função de orientação argumentativa: os rótulos são meios privilegiados de condução e explicitação de pontos de vista do produtor não só no que diz respeito aos conteúdos veiculados, como também aos seus enunciadores, inscrevendo, desta forma, a argumentatividade no texto.

(13) “Na conversa que teria sido gravada em 19 de agosto, Miranda diz que o chefe ironizou a proposta, dizendo que só aceitaria como suborno “a metade de um terço do que fora anteriormente acordado”, que os empresários caça-níqueis de Minas calculam em R\$ 6 milhões.

“**O escândalo** ocorreu uma semana depois da mais recente ação ostensiva de apreensão de máquinas em Belo Horizonte (...)” (*Isto é*, 06/09/2000).

(14) (...) Se a direita defendia seus interesses, a esquerda, como sempre, mergulhava em discussões intermináveis, ótimas para “seminários”, sobre a chamada “via” que os partidos socialistas europeus estavam trilhando: segunda, terceira, quarta, quinta? Blair é um traidor? Jospin é um burguesinho? **Esses debates intelectualóides** impediram que se enxergasse outro fato histórico, certamente o nascedouro do Consenso de Berlim, ou o começo do fim do neoliberalismo (Biondi, 2000, p.12).

Escala de argumentatividade

É preciso frisar que todos rótulos contêm algum grau de subjetividade, pois, no momento em que o produtor, ao rotular segmentos textuais, cria um novo objeto de discurso, ele procede a uma avaliação desses segmentos

e escolhe aquele rótulo que considera adequado para a realização de seu projeto de dizer. Mesmo no caso dos rótulos ‘de conteúdo’, há sempre uma escolha e esta será sempre significativa em maior ou menor grau. Daí a precariedade da distinção entre os dois grupos, já que em ambos a metaenunciação se faz presente.

Por exemplo, o fato de o produtor rotular o conteúdo que está resumizando como **fato, episódio, acontecimento, evento, cena** constitui sempre uma opção que, embora possa parecer ‘neutra’, não deixa de ser significativa. Mesmo em se tratando de rótulos de conteúdo, pode-se observar, em muitos casos, a diferente força argumentativa resultante do uso de determinado rótulo e não de outro, como fica patente nos exemplos:

(15) Acredita-se que o ser humano poderá um dia controlar seus instintos, sentimentos e ambições, de modo a tornar a Terra um planeta de paz e fraternidade. **A hipótese** merece credibilidade e vale a pena pagar para ver.

(15') Acredita-se que o ser humano poderá um dia controlar seus instintos, sentimentos e ambições, de modo a tornar a Terra um planeta de paz e fraternidade. **Esse delírio** só poderia ser fruto de mentes pouco realistas.

Mas é evidente, também, que o grau de argumentatividade vai variar de um tipo de rótulo para outro. É possível, portanto, falar numa escala de argumentatividade, ao longo da qual os rótulos podem ser situados, desde aqueles aparentemente neutros, ou seja, em que o produtor **opta** por apresentar seu discurso como neutro, ‘afivelando a máscara da neutralidade’, até aqueles dotados de elevada carga argumentativa.

Caberia aqui lembrar, ainda, que, a par de tudo o que ficou registrado, os rótulos podem constituir marcas de autoria e estilo (individual ou de gênero). Ao examinar um corpus bastante extenso de matéria opinativas da revista *Caros Amigos*, Carvalho (2004) verificou que há significativa diferença no uso dos rótulos pelos vários articulistas. Há os que preferem os prospectivos, outros que se limitam ao uso dos retrospectivos; enquanto em alguns textos, os rótulos são bastante frequentes, em outros eles são (quase) inexistentes. Tratar-se-ia, aqui, de estilo individual, revelando preferências do produtor do texto.

Por outro lado, se procedermos a uma comparação entre gêneros diversos, veremos que a presença dos rótulos – e do tipo de rótulo – varia consideravelmente: por exemplo, eles são muito mais frequentes em exemplares de escrita mais elaborada, como textos de opinião, comentários, textos acadêmicos etc. Já em textos orais informais, a presença é bem menor, prevalecendo aqueles que denominamos acima de rótulos ‘de conteúdo’: fato, coisa, caso, circunstância e alguns outros do mesmo tipo.

Considerações finais

Em todos os tipos de rótulos metadiscursivos mencionados, não se sumariza o conteúdo de um segmento textual, mas focaliza-se a própria atividade enunciativa, qualificando esse segmento como determinado tipo de ação ou atividade metadiscursiva; ou seja, como afirma Jubran (2003, p. 97), “os referentes rotulados metalingüística ou metadiscursivamente (...) são claramente entidades discursivas, no sentido de que focalizam a atividade enunciativa, a *mise-en-scène* do discurso”. E ainda:

em todas as ocorrências de rotulação metalingüística ou metadiscursiva, há esse jogo multiplano em que referentes textuais constitutivos do elemento-fonte anaforizado desempenham uma função informacional no texto, mas passam, no anaforizador, a se constituir como objetos de menção e qualificação no contexto da atividade enunciativa (...) (p. 98).

Não há, no caso, portanto, retomada referencial, nem correferencialidade, já que se opera um desdobramento: é o próprio discurso que é tomado como seu objeto.

Mas cabe ressaltar, ainda, que a escolha de expressões metalingüísticas e metadiscursivas, dentre as várias opções possíveis, é importante indício da opinião do locutor não só a respeito do discurso que está sendo rotulado, como também a respeito do próprio enunciator desse discurso (cf. van Dijk, 1988a,b; Marcuschi, 1991).

Marcuschi (1991, p. 2), ao estudar os *verbos introdutores de opinião*, mostrou a importância da seleção desse tipo de verbos na construção da proposta de sentido pelo produtor do texto. Ao apresentar sua proposta, escreve o autor:

Mais do que mostrar que a neutralidade é impossível, tentarei analisar como a parcialidade se dá na introdução do discurso alheio, seja como interpretação, seleção ou avaliação. Quanto à seleção, não se trata da escolha de tópicos a reproduzir, mas da seleção dos verbos usados. Como pressuposto de trabalho, parto da premissa de que apresentar ou citar o pensamento de alguém implica, além de uma oferta de informações, também uma certa tomada de posição diante do exposto. Assim, a avaliação lingüística terá **um caráter não meramente estilístico**, mas sobretudo interpretativo e avaliativo. O mais notável é que isso se processa através do instrumento lingüístico usado e não mediante uma interpretação explícita paralela. Não me refiro, portanto, aos comentários; refiro-me tão somente às palavras que introduzem opiniões alheias com pretensão de felicidade ao pensamento do autor.

O mesmo se pode dizer, evidentemente, dos nomes selecionados para qualificar metadiscursivamente uma ação ou atividade de linguagem, ou um processo cognitivo-discursivo que se atribui a uma pessoa mencionada no texto, bem como para ironizar, contestar, distanciar-se de algo que foi dito.

Também van Dijk, em diversos de seus trabalhos sobre o discurso jornalístico (cf., por exemplo, 1988 a; b), tem mostrado diferenças ideológicas na seleção de termos deste tipo, conforme a pessoa ou grupo a quem se atribui uma fala ou cuja fala se transcreve. Enquanto membros de uma elite (política, cultural, econômica ou outra qualquer.) *asseveram, expõem, argumentam, refletem, ponderam, constataam, determinam, evidenciam* e assim por diante, os membros de minorias apenas *falam, dizem, depõem, negam, mentem*. Desta forma, quando se rotula e qualifica a fala dos primeiros, atribuem-se-lhes *asserções, constatações, exposições, reflexões, explicações, ponderações, confirmações comentários*; ao passo que os enunciados dos segundos são qualificados simplesmente como *afirmações, negativas, falas, respostas* ou, no máximo, como *declarações, confissões* ou *recusas*.

Em razão da sua multifuncionalidade e do relevante papel que os rótulos desempenham na construção textual do sentido - podendo, desta forma, constituir importante recurso para o ensino de leitura e produção de textos em sala de aula -, a pesquisa sobre o fenômeno da rotulação merece, com certeza, não só aprofundamentos teóricos, como propostas de operacionalização didática.

Referências

- APOTHÉLOZ, D. e CHANET, C. 1997. Défini et démonstratif dans les nominalisations. In: W. DE MULDER e C. VETTERS (eds.), *Relations anaphoriques et (in)cohérence*. Amsterdam, Rodopi, p. 159-186.
- ARBEX Jr., J. 2000. O general escapou. E agora? *Caros Amigos*, 3(36):18.
- AUTHIER-REVUZ, J. 1981. Paroles ténues à distance. In: B. CONEIN, (dir.), *Materialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, p. 127-142.
- BIONDI, A. 2000. Fim do neoliberalismo, a virada. *Caros Amigos*, 3(40):12.
- CANTANHÊDE, E. 2004. Carne aos leões. *Folha de São Paulo*, 4 de março.
- CARVALHO, M.A.F. 2005. *O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião*. Campinas, SP. Tese de doutorado. IEL/Unicamp.
- CAVALCANTE, M.M. 2001. Demonstrativos – uma condição de saliência. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, Fortaleza, 2001. *Anais...* Fortaleza, ABRALIN.
- CONTE, E. 1996. Anaphoric encapsulation. *Belgian Journal of Linguistics: Coherence and Anaphora*, 10:1-10.
- DASCAL, M. 1992. Models of interpretation. In: M. STAMENOV (ed.), *Current Advances in Semantic Theory*. Amsterdam, John Benjamins, p. 109-127.
- FRANCIS, G. 1994. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: M. COULTHARD (ed.), *Advances in written text analysis*. Londres, Routledge, p. 83-101.
- JUBRAN, C.C.S. 2003. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 44:93-104.
- MARCUSCHI, L.A. 1991. A ação dos verbos introdutórios de opinião. *INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação*, 14(64):74-92.
- ROSSI, C. 2000. O retrato de um governo. *Folha de São Paulo*, 28 de novembro.
- SÁ, N. de. 2003. Do crescimento à ética. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2910200314.htm>
- SADER, E. 2000. O lobby do holocausto. *Caros Amigos*, 3(42):21.
- SCHWARZ, M. 2000. *Indirekte Anaphern in Texten*. Tübingen, Niemeyer, 174 p.
- VAN DIJK, T.A. 1988a. *News as discourse*. Hillsdale, Erlbaum, 200 p.
- VAN DIJK, T.A. 1988b. *News Analysis. Case studies of international and national news in the press*. Hillsdale, Erlbaum, 325 p.
- ZAMPONI, G. 2003. *Processos de referenciação: anáforas indiretas e nominalizações*. Campinas, SP. Tese de doutorado. IEL/Unicamp.

Submetido em: 17/05/2006

Aceito em: 29/06/2006

Ingedore G. Villaça Koch

Doutora em Língua Portuguesa/
Livre-docência. UNICAMP, SP, Brasil